

sala antonio
vermelho

Mostra Lia Chaia

25/07 _ 26/08/2017

A produção em vídeo de Lia Chaia inicia-se durante seus anos como estudante de artes plásticas na Fundação Armando Alvares Penteado, FAAP, (São Paulo, Brasil) e segue até hoje como uma constante em sua produção. Do robusto corpo de trabalhos da artista nessa mídia, a Vermelho apresenta aqui um recorte de 18 obras em sequência cronológica.

O uso da mídia por Chaia remonta ao início da videoarte no Brasil entre fins de 1960 e início dos anos 1970, quando o acesso a câmeras portáteis se iniciou no país com câmeras Portapak que eram trazidas do exterior. Essas câmeras eram alimentadas por baterias e podiam ser carregadas por apenas uma pessoa, ao contrário dos equipamentos então utilizados pela televisão, que eram grandes e, portanto, tinham sua mobilidade reduzida. A portabilidade introduzida pela Portapak permitia gravações externas a estúdios e, assim, permitiam menos planejamento e mais experimentações. As câmeras também permitiam registro de performances contestadoras em situações privadas, em um contexto aonde a ditadura militar e a censura predominavam.

A câmera de Lia Chaia é também testemunha das experiências com o (próprio) corpo realizadas pela artista. Seus planos são predominantemente estáticos e, ou, sequenciais, e reforçam a experiência vivida na situação registrada como dado principal dos trabalhos, tendo como antagonistas constantes sua própria constituição e o entorno. Corpo e entorno se traduzem em natureza e construção, primitivo e engenharia; uma oposição que está presente no próprio fazer, no confronto entre Lia Chaia e o aparelho de gravar.

Ao confrontar os trabalhos cronologicamente, podemos perceber as influências do rápido avanço tecnológico das filmadoras na produção de Chaia. Com o desenvolvimento dos equipamentos, a artista introduz preocupações formais na elaboração de seus planos, como podemos observar em 2010, com Glam, e em 2013 com Piscina e com Aleph.

Em Aleph, temos a primeira ação não realizada pela própria artista registrada em um de seus vídeos. Dessa vez Chaia permanece por trás da câmera, gravando a ação executada por Fabíola Salles sob sua direção.

Lia Chaia em 2015 produz o vídeo Para GB, uma homenagem a Geraldo de Barros. Ali, Chaia retoma seu corpo como instrumento em uma ação registrada em contexto privado, aproximando-se da poética do homenageado e reaproximando-se de um dado primitivo de sua produção.

Bolas, de 2016, retoma outra característica da obra de Lia, registrando seu percurso pela cidade durante uma performance, como notou Priscyla Gomes em seu texto sobre a exposição É como dançar sobre a arquitetura, realizada por Chaia no Instituto Tomie Ohtake em 2016: "O vídeo Bolas (2016), registra o percurso do corpo da artista agigantado pelo acúmulo de bolas, remetendo a ações cômicas de um clown e devolvendo ao corpo-pedestre certa espontaneidade, humor e proteção."

Lia Chaia's video production began during her years as an art student at Fundação Armando Alvares Penteado, FAAP, (São Paulo, Brazil) and has continued until today as a constant in her production. From the robust body of works by the artist in this media, Galeria Vermelho is presenting here a selection of 18 video works in chronological order

Chaia's use of this media goes back to the beginning of video art in Brazil between the late 1960s and early 1970s, when access to portable cameras began in this country with the Portapak cameras that were brought from abroad. These were battery-powered cameras that could be carried by a single person, unlike the cameras used up to then by television, which were large and, therefore, had reduced mobility. The portability introduced by the Portapak allowed for recordings to be made outside of studios and therefore with less planning, thus permitting more experimentation. The cameras also allowed for the recording of contestation performance videos filmed in private situations within a context ruled by oppressive censoring and a military dictatorship.

Lia Chaia's camera also witness experiments the artist carries out with the body. She shoots her scenes with predominantly static and/or sequential takes that reinforce the experience lived within the situation recorded as a main content of the works, always with her own constitution in clashing with the surroundings. Body and surroundings are translated into nature and construction, the primitive and the engineered – an opposition that is present in her own artistic practice, in a confrontation between Lia Chaia and the recording device.

By comparing the works chronologically, we can perceive the influences of the rapid technological advance of the video cameras in Chaia's production. With the development of the devices, the artist has introduced formal concerns in the elaboration of her footage, as we can observe in 2010, with *Glam* and in 2013 with *Piscina* [Pool] and *Aleph*. With *Aleph*, we have the first action not realized by the artist

herself in one of her videos. This time Chaia remains behind the camera, recording the action executed by Fabíola Salles under her direction.

In 2015, Lia Chaia produced the video *Para GB* [For GB], an homage to GeraldodeBarros. There, Chaia once again takes her body as an instrument in an action recorded in a private context, approaching the poetics of the honored artist and re-approaching a primitive element of her production.

Bolas [Balls], from 2016, assumes another characteristic of Lia's artwork, recording her walk through the city during a performance, as noted by Priscyla Gomes in her text on the exhibition *É como dançar sobre a arquitetura*, held by Chaia at Instituto Tomie Ohtake in 2016: "The video *Bolas* records the path of the artist's body greatly enlarged by the accumulation of balls, referring to the comic actions of a clown and lending the body-pedestrian a certain spontaneity, humor and protection."



Glam
2010
10'14''
vídeo - cor e som
video - color; sound



Programa/Program:

Big Bang – 2000 / 2'45''
Um.bigo – 2001 / 59'47''
Ressonâncias – 2001 / 10'19''
Desenho-corpo – 2001 / 49'51''
Com a sorte dos que gozam – 2001 / 2'18''
Circulando pinheiros – 2002 / 2'13''
Cidade pictórica – 2003 / 33'52''
Comendo paisagens – 2005 / 29'26''
Minhocão – 2006 / 18'07''
Ascensão – 2008 / 2'59''
Argola – 2008 / 3'10''
Rodopio – 2009 / 5'03''
Skeleton Dance – 2010 / 5'23''
Glam – 2010 / 10'14''
Piscina – 2013 / 6'50''
Aleph – 2013 / 2'53''
Para GB – 2015 / 8'55''
Bolas – 2016 / 4'14''